

PLÍNIO SOARES DE ARRUDA SAMPAIO
PROMOTOR DE JUSTIÇA APOSENTADO
INGRESSO MPSP 27/09/1954 E SAÍDA 26/08/1981
(+26/07/1930 A 08/07/2014)

APMP: O que motivou o senhor a entrar no Ministério Público em 1954?

O que me motivou a entrar no Ministério Público foi o meu pai. Eu fui um homem muito ligado ao meu pai. Eu fui o filho mais velho, depois vieram três meninas. Eu fui chegadoíssimo a ele. Ele era promotor Público, ele foi Desembargador pelo Quinto, mas ele na verdade sempre foi promotor. E, o meu pai tinha uma característica curiosa, meu pai não saía de casa, em hipótese nenhuma: era do trabalho para casa, de casa para o trabalho. Em compensação a nossa casa era um clube, porque ele recebia Deus e o mundo, ele adorava conversar. E toda quarta-feira, às duas horas, ele recebia os amigos dele que iam lá, uns quatro ou cinco que iam sempre, me lembro do doutor Alberto Kujawski, doutor Mendes França... vários outros assim, e ali comentava-se o Ministério Público. E, eu assistia a estas reuniões, então, eu conheço o MP, eu tenho impressão que da história antiga, tem muito promotor hoje que não sabe o que eu sei. Porque eu conheço tudo. Eles falavam de tudo. Ficavam falando dos inimigos e dos amigos. E, ali eles combinavam quem ia ser promovido ou não: esse passa? Não. Ah, este é muito bom, diziam.

APMP: Fale mais sobre a carreira do seu pai.

O meu pai foi um grande articulador desta instituição. Acho curioso que não tem homenagem para ele no Ministério Público. Foi ele quem criou a revista Justicia, foi ele quem criou a Associação, criou à cooperativa. Ele foi com o Mário Moura para o Rio de Janeiro, para pela primeira vez o MP entrou na Constituição, que era uma coisa importante que eles queriam, porque ai era a base para criar à carreira. Papai era amigo do doutor Mário Marzagão, que era o deputado relator. E, depois apareceu pela primeira vez na Constituição de 1946, depois consegui ampliar muito mais, mas naquele tempo entraram no MP, eles seguraram. Foi muito importante para o crescimento posterior do MP. Papai foi corregedor do MP várias vezes, no Conselho ele era sempre o mais votado. Ele era um homem curioso. Todo promotor que era aprovado tinha que passar por um confessorário. Ele perguntava para o promotor o seguinte:

- O senhor tem revólver?

Não.

-Ah, tem que ter, promotor tem que ter revólver, dizia ele.

–O senhor joga futebol?

Jogo.

-Não deve jogar na comarca, sabe por quê? Porque lá tem um encontrão o sujeito fala mal: ô palhaço! E o promotor não pode ouvir um negócio desses. Se o senhor quer jogar na comarca, jogue tênis, convoque um advogado.

E o pessoal gostava. Ele era gozadíssimo. (rsrsrs) Ele era muito defensor do promotor.

Um dia um promotor foi lá com ele e disse: - doutor estou com um problema não sei como é que eu soluciono. Um cidadão foi namorado da minha mulher. Ele fica incomodando ela. Papai perguntou o nome dele. Mandou chamar:- Se o senhor continuar fazendo isso eu vou mandar te dar um tiro. E, o senhor sabe, sou promotor, ninguém fica sabendo.

Outro dia tinha um promotor que pediu para ser removido. Por quê? -Imagina o senhor, eu estou andando na cidade num jardim central, com um carrinho da criança e minha mulher. E, uns irmãos de um moleque que eu estou processando postaram-se na minha frente e não deixaram entrar. -E o que o senhor fez? Nada O senhor não tem revolver? Não. Toma aqui. -E o que eu faço com isso? -Dá um tiro nele. Onde já se viu parar um promotor criminal?!

Outro chegou lá e disse: - doutor, eu quero ser removido.

-Por quê?

A minha mulher não gostou da cidade.

-Ah, mas que é isso? O senhor não manda nem na sua mulher, como é que o senhor quer mandar na comarca?!

O fato é que ele foi um promotor antológico.

APMP: Imagino as dificuldades da época em todos os aspectos.

A grande luta deles era evitar a política no MP. Por que, o procurador naquele tempo era nomeado livremente pelo governador. Não tinha como tem hoje, lista tríplice. E o resultado é que só tinha político. Eles lutaram muito para conseguir, depois entrou na Constituinte. Ele lutou fortemente. Com isso, ele ganhou

vários inimigos. Uma vez, ele estava pesquisando um cidadão, chegou um amigo dele e disse: - esse aí você toma cuidado porque ele é irmão do Secretário da Educação, possivelmente... papai ficou tão preocupado com medo de qualquer coisa que dormia com o processo debaixo do travesseiro, para não correr nenhum perigo de sumir com o processo. Teve um entrevista fortíssimo com o Ademar de Barros. O Ademar era governador e colocou como secretária do MP uma amante dele. Uma mulher mau caráter. E, no primeiro dia que ela chegou lá, entrou na sala do papai fumando. E, sentou na ponta da mesa. O papai disse assim: - ponha-se de pé, tire o cigarro, não entre aqui sem perguntar antes, e, ponha-se daqui para fora. E, demitiu a mulher. Depois o papai foi indicado para procurador, e o Ademar mandou chamá-lo no Palácio. O procurador era amigo de papai e disse: - olha, o Ademar quer falar com você. Papai: - eu não vou. Fiz esse negócio com a amante dele, ele é meio metido a valentão, melhor não ir, melhor eu não ir. O amigo do papai falou: ah, mas aí eu fico numa situação difícil se não conseguir que você vá. - Eu vou, mas você avise ele antes, eu não sou de levar desaforo para casa, comigo ele não faz isso. Papai foi a pé, com a bengala. Chegando lá, o doutor Ademar disse: senhor Plínio Sampaio, eu queria promover o senhor, mas, o senhor persegue os meus amigos. - O senhor se refere aquela prostituta? O Ademar falou: - como? Levantou e saiu da reunião.

Aí veio o Fernando Costa e fez um projeto de Lei que é este que está vigendo. Por conta do meu pai. Depois de tantas indicações o cidadão entra automaticamente. Tudo fruto do meu pai. Então, ele é um dos fundadores desta instituição. E, por isso eu fui inaugural.

CONCURSO

Terminei a faculdade e fiz o concurso, passei, passei em uma posição boa, até para deixá-lo tranquilo. Eu sai de São Paulo, fui para a casa de minha avó, em Taubaté. E fiquei estudando. Fiz um programa de estudo fortíssimo. Não apareci em São Paulo. Só vim na berada. Papai pediu férias e saiu de São Paulo, para não criar dúvida. Fiz o concurso, passei bem. Fui mandado para Campinas como substituto. Em Campinas, me acontece uma coisa bem interessante. Cheguei me apresentei, o juiz me indicou a sala. To lá na sala, e alguém bate na porta: - doutor, o leiloeiro está ai. Sai e perguntei quem era. O que é? –Doutor, temos aqui, umas dez pessoas, prepara o segundo leilão. O senhor vai presidir, eu faço depois levo para o senhor assinar. Me deu um branco, não tinha noção do que era esse segundo leilão. Só um momento. Fechei a porta e liguei par ao meu pai em São Paulo. Ai, Ai, Ai, o que eu faço... Não tinha ideia do que se tratava. Lembrei que tinha um colega chamado Álvaro Cury, desde o primeiro ano de escola ele foi trabalhar no gabinete de um advogado importantíssimo de Campinas chamado Romeu Totman. Ele perguntou o nome do leiloeiro. Ele perguntou o nome do leiloeiro –Ah, este é malandro. Não tem mais segundo leilão, é lei antiga. Ele dever ter feito o seguinte: ele combinou com esses caras de vender isso para uma empresa. Baratíssimo, e da uma diferença para ele. Como o promotor vai assinar, o juiz fica numa situação difícil. E o promotor vai ter que defender aquele preço absurdo. Podem até pensar mal de você. Esta bem. Chamei o senhor: que código o senhor está usando? Este código esta ultrapassado, eu vou falar com o juiz, como o senhor não tem noção.... -Ah doutor, eu me enganei. Minutos depois o sujeito bate na porta: doutor vou pedir um favor

par ao senhor, eu não faço mais isso, mas se o senhor falar para o juiz ele me destitui, e isso é o meu ganha pão. Eu disse: não vou falar com o juiz, mas vou de ficar de olho em você, tenho como saber.

APMP: O senhor fez júri lá?

Não, lá eu fiquei dias, depois eu fui para Sertãozinho, uma cidade pequena perto de Ribeirão Preto. Um lugar quente, hoje é uma cidade rica. Não tinha nada na cidade.

APMP: Tinha lugar para dormir?

Aluguei e fui morar com a Marieta. Eu sou muito católico e ia muito á igreja, o padre gostava muito de mim, a procissão a Marieta fazia o andor, e eu carregava. Éramos muito queridos na cidade.

Ai teve um júri, o meu primeiro júri. Escrevi o júri e fui ler para a Marieta. Quando eu comecei a ler a Marieta disse: - negativo, onde já se viu você fala muito bem. Porque, como eu era dirigente da Juventude Universidade Católica eu falava muito, sem problemas, pra várias pessoas. Eu fui meio nervoso, preocupado. Cheguei lá. Ai veio o oficial de justiça no gabinete, virou pra mim: - doutor Plínio, eu seu que no jurado aqui o Sr fulano de tal correu com todos os jurados com a mulher do réu pedindo para absolver. E a mulher do réu pertence a uma família com muita gente, só a família dela elege um vereador. Aquilo me deu uma raiva. Não é possível. É o fim do mundo.

APMP: Qual era o assunto?

Era um crime terrível. Na verdade, duas vitimas. O primeiro era o jardineiro, era proibido o jardineiro ter galinha, e ele tinha uma

galinha, e ela fugia e comia o jardim da dona. Ai aconteceu isso. Ela chegou para o réu e disse: olha, você vai lá, cobra dele e mata a galinha. Ai, quando ele chegou, o sujeito saiu com a criança no colo e perguntou o que era.... o réu atirou no cidadão e matou o homem.

Ai eu comecei lentamente dizendo o que era o júri, o avanço que o júri representava, e a honra que era para uma pessoa ser escolhida para o jurado, porque se mostrava que era um cidadão respeitabilíssimo, a ponto de a sociedade julgar que ele poderia ser um juiz. Com isso, me entusiasmei e esqueci do nervoso. Comecei a falar, me inflamei. Bom, hoje vocês conheceram aqui um juiz bonzinho, católico, que vai à missa, à procissão. Mas não tem essa não. Eu vou saber quem é. Vou processar e vou condenar esse cidadão, que é um sem vergonha, um mau caráter, um sujeito sem honra, desci o porrete... quando eu desci o sujeito gritou dela.: - fui eu doutor, fui eu, estou desonrado e caiu no chão. Ai, pena. Escolhe apenas. Foi um negócio.

Certo dia, fui ao cinema com a Marieta, fui tomar um sorvete e entrou um soldado e fechou a porta. O que foi eu sou o promotor da cidade. Ele contou que estava havendo um tumulto na praça. Olhei, tinha um grupo de gente de um lado e do outro. Um era do pessoal do prefeito que ganhou, e o pessoal de lá era do Jânio Quadros que perdeu. Então, o Janio os mandou aqui para fazer uma passeata com uma vaca, e olhei tinha uma vaca, e na vaca estava escrito assim: "A vaca foi para o brejo". Eu disse, espera um pouco. E fui para a casa do prefeito. O prefeito me recebeu, conversei com ele em particular. O senhor vai fazer isso, vai brigar, vai sair um tiro, e se o senhor deixar será lembrado como um dia de tristeza e não de alegria. O prefeito me pediu para falar. Fui lá e falei. O povo

concordou, bateram palmas. Fiquei querido, mesmo. Mas eu fiquei em Sertãozinho pouco tempo. Em 1961, 24 de agosto, o Janio renuncia. Eu ligo para São Paulo para falar com o meu pai e ele me pediu para voltar: - Plínio precisa de você aqui. Nesta mesma noite, peguei um trem e nunca mais voltei para lá. Mandei buscar a mudança e nunca mais voltei. Ai servi no gabinete do meu pai.

APMP: Como foi este momento político?

Foi um momento muito forte. Quando a direita tentou evitar que o Juscelino tomasse posse, aquele Lauro Ribeiro da Luz, era o presidente, ele inventou, fingiu que estava doente, se afastou, e resolveram nomear o outro, Seria o Café Filho. Este Ribeiro da Luz chama o general Lot, que era o ministro da guerra e dá um chá de cadeira em meia hora, recebeu de pé, na porta, não mandou entrar e disse: - olha, o senhor está despedido. Quando chegou a noite, ele olhou pela janela e viu que tinha luz no apartamento de baixo, onde estavam vários generais. Ele olhou e ligou: - vocês estão costurando. Estamos, sim, vem aqui para baixo. Ele desceu, conversou. Quando chegaram oito horas da manhã, disseram: - olha o senhor esta preso. Prenderam o presidente. E empossou o Juscelino Kubitschek. E ganhou o titulo de marechal da legalidade.

O chefe do gabinete do secretario da segurança era o general Honorato Pradel, ele, por telefone: - o senhor venha para cá, está preso, e botou ele no serviço direto no gabinete, com isso ficou vago o gabinete. E eu fiquei no gabinete do Pradel.

Eu era muito ligado a Dina Saraiva, ela era muito católica, eu também, tínhamos muito contato. Um dia ela me disse que queria conversar comigo. Quando chegou lá era um casal. Ele era um sargento do exercito, com a senhora. E disse o seguinte: - ela foi prostituta, mas já deixou, largou. A Dina tinha uma associação para fazer recuperação de mulheres da vida, e fazia espetacularmente. Acontece que ela, coitadinha, estava velha feia, remoçou, ficou bonita, cuidamos dela, e ela casou-se com este sargento. E, ela contou para o sargento. Ele falou que não fazia questão, mas pediu para a família não saber. Porque a primeira briga que eles tiverem isso viria à tona. A cafetina encontrou-a na rua e disse para que ela fosse a casa dele, tal dia e tal hora, porque você está me devendo. A mulher foi inflexível com ela. Ela me perguntou como que faz. Abri o prontuário, mostrei para ela, mostrei para ele e. rasguei (que é um crime) mas rasguei, não fui processar ninguém por causa disso. Ela ficou numa alegria. Uma das coisas que eu mais gosto quando eu me lembro do MP é dessa história. Eu senti a tranquilidade dela. Eu disse: a senhora vai lá e fala para a mulher que se ela abordar a senhora ela está presa.

Em Sertãozinho, dois fatos interessantes: um dia chegou uma denúncia que um dos distritos de Sertãozinho chamado Pontal, um vereador, que hoje é deputado, Jacó Pedro Carollo, ele registrou uma porção de eleitor que não sabia ler. Naquele tempo a lei não permitia analfabeto não podia votar. Fizemos a verificação. Abria a cartilha e pedia para o cidadão ler. Eles não conseguiam ler. Pedi para assinar o nome. Um deles começou a suar e olhou pra mim: - Ô doutor, essa caneta aqui é mais pesada do que um guatambu. Achei interessante, porque muitos anos depois, exilado, fui trabalhar na ONU, na FAO, Organização Mundial da Agricultura e

Alimentação, e uma das minhas era percorrer o interior entrevistar camponês, fazer investigação, E eu me lembrei disso, e perguntei para um camponês: - vem cá, qual o nome do presidente daqui. Fundamentalmente eu entrevistei uns cem. Cem por cento: nenhum deixou de saber o nome do presidente, todos sabiam. Um deles disse o nome completo, o outro falou o nome completo, mas disse que não votava nele, porque ele era comunista. Todos eles tinham uma diferença brutal. Ai você vê porque quando demite o Janio ninguém falou, e quando demite o Alhende o pau comeu, teve tiro, muito tiro, por causa disso.

APMP: O senhor continuou em São Paulo?

Eu vim para o gabinete do meu pai, quem frequentava o gabinete dele era o Carvalho Pinto. Papai foi para o Tribunal e eu voltei para a comarca, dessa vez fui removido por antiguidade e fui para Pindamonhangaba. Outra cidade, um encanto de gente, um amor, foi tudo em paz. Porque em Sertãozinho eu briguei fortemente com os usineiros do açúcar, porque eles pagavam muito mal. Certo dia veio um senhor com três moços grandes: - doutor Plínio, estou reclamando de tal coisa. Deram o documento. Olhei, e perguntei: os três moram na mesma casa? –Sim. De acordo com a Lei Trabalhista você pode descontar trinta por cento do salário do trabalhador se você der uma casa para morar. Eram quatro numa mesma casa. Não pode descontar de todos. Só de um. Juntei os quatro, mandei tirar uma fotografia da casa. E tirei uma fotografia da minha casa. Entrei em juízo e disse, olha eu pago 1600 cruzeiros pela minha casa, e eles pagam isso. O juiz disse: - isso não está certo. Os caras ficaram furiosos, porque tudo isso ficou sabido e

eles tiveram que pagar para todo mundo. Foi uma bomba. Eles ficaram com ódio de mim.

Um dia veio um colono e bateu na minha casa:- doutor Plínio, eu fui tirar a minha mudança e o usineiro não nos deixou sair. Eram os usineiros Marchese, riquíssimos. Um dos Marchese tinha dado para a mulher que fez aniversário um rubi. Só o banheiro da casa dele tinha custado quatrocentos mil reais. Milionário. Ele tinha um advogado, que era muito meu amigo. Chamei e disse: olha, este moço fez isto. Isto não pode. É sequestro. Ele me telefonou e falou para o senhor ligar para ele que ele vai dar explicação. Liguei, o cara vira pra mim no telefone e disse: pois não doutor, eu queria lhe fazer uma pergunta:- quando ele vem bater na minha porta famintos, pedindo pão eu devo dar o pão ou mandar ele para a casa do promotor. Eu virei e falei: - essa pergunta o senhor vai responder amanhã na delegacia. O senhor não foge senão o senhor vai preso, eu mando a policia pegar o senhor. Dois minutos o advogado me liga. Pois é, você avisa o cidadão que se ele não for ele vai preso. Quando eu cheguei lá estava à cidade interior na frente da delegacia, olhei e vi o carrão dele. Parei lá na frente e perguntei de quem é o carro. Chamei o motorista e mandei tirar o carro da frente da delegacia. Entrei e comecei a falar com ele. Perguntei a ele o nome do pai, da mãe, profissão, e se ele tinha sido processado. –E pedi para ele identificar. Ele perguntou por quê? O senhor não identifica todas as pessoas que vão depor, porque não ele. O senhor tem alguma cosia especial? Ai o homem viu que não tinha condição. Eu perguntei se ele tinha recebido um telefonema no dia anterior. Ele disse que não. Não? Mas, não foi o senhor que falou aquilo no telefone? Não, deve ter sido um empregado meu e achou

que era trote. Se o senhor responderia ao promotor dessa maneira?
Quando eu sai o povo na rua bateu palma.

APMP: O papel do promotor é esse?

É conflitivo.

Al eu fui para Pindamonhangaba. Era outro mundo. Eu fiquei ligadíssimo à cidade. O prefeito era muito bom sujeito. E lá vivia o Alckmin, ele era mocinho, menino, eu era muito amigo do pai dele. O pai dele era um pesquisador importantíssimo, da Secretaria da Agricultura, e muito católico. Íamos à igreja juntos. E, ele foi o homem que fez o seguinte: quando você planta arroz, nasce junto uma plantinha que tem que tirar, não presta. Precisa tirar à mão. Ele bolou um sistema, estudou um peixinho chamado tilápia, e esse peixinho come a plantinha. E nós criamos uma coisa chamada Legião dos Cavalheiros de Cristo, e fazíamos jogo de futebol (entre solteiros e casados). A renda era toda revertida para um educandário, que cuidava de meninos abandonados. Todo dinheiro ia para lá. Ficamos muito amigos.

Bom, quando eu vou para o MP, volto para Pindamonhangaba, um dia o Carvalho Pinto passou por lá, eu fui saudá-lo, ele me viu: Plínio prepara-se porque eu vou convocar você para ir para o meu gabinete, na Secretaria da Fazenda, porque eu vou ser candidato a governador e eu quero uma pessoa de confiança: pagar hotel, dar algum dinheiro para um pobre que precise um restaurante, gasolina, enfim.

Liguei para a mamãe (contar par ao papai) ela disse: meu filho, não venha de jeito nenhum. Ai, quem me chamou para o gabinete foi o Chopem Tavares de Lima. Mamãe disse: Chopem tira da cabeça do Plínio, política é um negócio perigoso. Ele disse: dona Maria, é mais fácil um boi voar, ele já está ai.

APMP: O senhor já gostava da política.

Eu nem sei quanto. Uma vez me perguntaram: quando é que você começou a se interessar pela política? Eu disse: eu não tenho muito certo, mas deve ser no quarto ou quinto mês da gravidez da minha mãe (rsrs) sempre fui. Porque, como contei pra você, papai ficava em casa, conversava e eu via aquilo tudo. Eu tinha um tio queridíssimo que era prefeito em Taubaté, da nossa cidade. A primeira vez que eu participei da política, o primeiro comício que eu fiz, eu tinha cinco anos de idade. Por que o Armando Salles de Oliveira, era governador de SP, ele foi a Taubaté e foi recebido com almoço no cinema da cidade, naquele tempo tiravam-se as cadeiras e o povo podia assistir de cima. E eu, morava ali perto. Quando veio, a pajem me levou e eu fiquei lá em cima no primeiro balcão vendo. Ai chegou o Armando Salles, e todos batendo palmas, ai sentaram-se todos , quando sentaram, cessaram-se as palmas, eu achei o fim do mundo aquilo, porque eu queria bater mais palmas, então bati palmas, sozinho, e quando eu bati palmas, uma criança de cinco anos, foi uma festa, bateram palmas, todos. O governador perguntou quem é? O meu tio disse: é o meu sobrinho. Ai foi um sucesso. Comecei a fazer política.

Em Pindamonhangaba. Um dia tem um júri, um soldado que tinha atirado em uma criança de 10 anos que tinha roubado uma mamona. A criança saiu correndo e o soldado matou pelas costas. Eu estava acusando. Veio para defendê-lo um advogado de fora da cidade, não era da comarca, ninguém conhecia, nem eu. E o cidadão comete um erro brutal, em vez de ter atacado os meus argumentos ele não atacou. “O senhor advogado está mentindo, é um mentiroso, é um homem malvado, esta contra o meu cliente”, até o ponto que eu interrompi e pedi a justiça: doutor meritíssimo este homem não fez a defesa, ele me atacou e não discutiu os meus argumentos, esse réu esta indefeso, gostaria que o senhor desse uma advertência a ele. Porque o réu esta indefeso, isso é o cumulo. O juiz chamou, terminou. Os jurados fizeram uma cara. A tal ponto que eu fui obrigado a dizer que este senhor cometeu um erro palmar, ao invés de ele discutir os meus argumentos, ficou me ofendendo, eu sei que os senhores me querem muito bem, que eu sou muito querido na cidade, eu temo que por causa disso prejudiquem o réu, os senhores para puni-lo deem uma pena muito pesada. Eles: não, ele tem defesa, sim. É uma pena que o cidadão não fez. Mas ele é um pobre homem. Foi à sorte, senão ele ia tomar uma pena violenta. Foi muito bom.

Ai eu vim para São Paulo, fiquei no gabinete do Carvalho Pinto, e ai quando faltavam quinze dias para a votação ele me chamou e disse: Plínio pode sair da campanha, já estou eleito, não preciso mais de você para coordenar, eu tomo conta disso aqui, e sei que você tem os companheiros na Ajuc, que vocês fazem planejamento (eu tinha um grupo de arquitetos, e nós fazíamos planejamento econômico) fomos treinados por um sociólogo canadense, de

origem de fala francesa, que esteve no Brasil assessorando uma sessão da Ajuc. Esse rapaz ficou conosco em São Paulo (quando acabou a reunião da Ajuc) e quis ficar conosco em SP e nos ensinou a fazer este plano, por isso sabemos planejar muito bem. E, ele foi embora, eu fiquei, e disse: reúna os seus amigos que trabalham em planejamento, eu arrumei com o Antonio Ermírio uma sala para vocês, e vocês preparem para mim um plano de ação. Porque eu quero administrar com o plano, fica mais fácil pra mim, para eu dizer não para as pessoas: olha, não está no plano, se estiver no plano é automático, eu concedo. Então vamos fazer um truque: você diz ao deputado, quando ele vier pedir uma escola, se não está no plano não sai, mas peça esta, que está no plano, que o governador dará, então foi um sucesso. Eu peguei o pessoal da Ajuc e trabalhamos durante seis meses, dia e noite, fizemos este plano de maneira muito interessante. Normalmente como se faz um plano? Pega três ou quatro bacanas, faz um plano, ponha-se o plano na Assembleia, e este plano é inteiramente aprovado. Na verdade não é o povo que fez o plano, foram quatro ou cinco. Na verdade, o relator. Por que o que acontece? Quando o sujeito põe uma emenda, no plano, na constituição, todos os artigos são interligados, é uma lógica interna, todos os artigos se referem entre si, se você corta esse, afeta imediatamente dois ou três, às vezes você afeta até um capítulo inteiro. Então, o relator explica isso. Como cada artigo desses foram resultados de barganha fortíssima do deputado para conseguir colocar aquele artigo que interessava ao seu eleitorado, ele nega, o que o relator fizer, passou, não adianta emendar. Então, eu propus ao Fernando Henrique, que foi o relator do regimento interno, e o Fernando topou, foi: vamos mudar este sistema. Não tem comissão de redação. O projeto entra, abre-

se um período de consultas populares, quem quiser se inscreve, fala, e quem quiser apresentar uma emenda pode: deputado, senador e pessoa do povo. Isso tudo é reunido numa comissão chamada de sistematização. Terminada esta fase, entra em plenário com as emendas todas. Na comissão de sistematização, é o seguinte: você punha uma emenda, ele era aprovado, para retirar esta emenda, tinha que ter dois terços dos presentes na sessão. Acontece que os deputados não iam à sessão, nem a pau. Porque naquele tempo a sessão era assistida pela turma da CUT, naquele tempo era CGT (sindicalistas) faziam um barulho danado. Eles tiravam foto do cidadão e colava na cidade dele dizendo: traidor da classe operária. Era um desastre. Eu ganhei muito voto de deputado que queria que eu falasse com os sindicalistas, pelo menos na cidade deles. Eu fiz, e ganhei muitos votos. O resultado foi que nós fizemos a constituição, praticamente inteirinha.

Com isso me projetei muito. Aconteceu o seguinte: no dia que o Carvalho Pinto mandou o plano, tinha que obter a autorização, e para que o plano pudesse funcionar, inventamos uma coisa chamada de orçamento plurianual. As verbas do plano estavam todas aprovadas para os quatro anos. As verbas de manutenção, essas eram todo o ano. Porque antes os planos não eram executados porque você tinha uma coisa chamada de reajuste de preço. Era um mensalão por dia. Resolvemos acabar com isso. O sujeito quando entrava a gente já avisava. Não tem reajuste. Ou põe o preço certo, porque senão, não tem reajuste. Ai, um deputado chamado Salvador Romano fez um discurso na Assembleia. “De jeito nenhum, ele quer que eu de um cheque em branco, de jeito nenhum, se eu der este cheque para ele nem me recebe no

Palácio”. Ai eu fiquei sabendo disso. Mandei preparar uns cartazes com tudo que ia ter no plano: pontes, estradas, colégios, delegacias de polícia. enfim, tudo o que nos íamos fazer. Peguei o professor Mendes da Rocha e o meu pessoal da AJUC e, chamei o bispo que era o meu amigo e pedi para convocar a cidade inteirinha. Cheguei lá, fiz uma exposição prévia. Perguntou-me se ia ter escola em tal lugar... expliquei o que poderia conceder. Foi um sucesso tão admirado que este cidadão “eu quero fazer um discurso, eu quero dizer ao senhor, doutor Plínio, que eu não entendi bem na hora quando foi apresentado, mas quero dizer que se tiver um voto aqui, é o meu”. Um sucesso total. No dia seguinte, voltei para São Paulo, e ele me convidou para jantar. Acabamos de jantar e fomos para a sala do café. Ele usava a mesa do tio dele o Rodrigues Alves, ele sentava embaixo do retrato do Rodrigues Alves, ele disse: ”ai em, se eu deixo o senhor solto ai o senhor fica se candidatando a prefeito?” Como? Ele disse: “pois é vieram hoje de manhã aqui, a comissão dos nossos partidos que estão se digladiando lá, porque um quer um candidato, outro quer um candidato, depois, o sucesso que o senhor foi tão grande, que disseram o seguinte: - nós retiramos a candidatura em favor do doutor Plínio. De modo que nós queremos saber se o senhor cede o doutor Plínio para ser candidato. Eu disse, de jeito nenhum. Na verdade eles estavam discutindo um candidato para senador, e eu era muito novo. Mas, eles me ofereceram a candidatura para prefeito. Pediram para eu colocar um substituo e sair para fazer campanha. Sai para fazer campanha. Peguei o Juvenal Juvêncio para fazer campanha comigo, como assessor, o presidente do São Paulo Futebol Clube. Ele era danado. Ele comandava uma equipe que pichava a cidade inteira. Ele era tira de polícia. Imagina, ele era muito pobre, o pai

era colono da Fazenda do Matarazzo. Um dia o Carvalho Pinto me disse que estava precisando de um guarda-costas, tenha que ter. Ele queria que eu arrumasse um delgado pequeno e que ficasse do lado dele. Ai ele convidou o Juvenal. Um dia, o Juvenal apareceu na minha sala:- doutor Plínio, eu senti que o senhor tem um monte de gente que toma tempo, se o senhor quiser eu fico lá embaixo, quando for sair me chama. Ele tomou conta, resolvia tudo, uma competência extraordinária. Não é a toa que ficou presidente do São Paulo, ele ficou riquíssimo. Ele foi presidente da Caixa de financiamento de imóveis. O meu cunhado disse que o primeiro dinheiro que ele fez, e foi o começo da riqueza dele foi conosco. Nós tínhamos um terreno muito grande chamado jardim Valquíria, loteamos o terreno. Chamamos o Juvenal, e oferecemos sociedade para ele no trabalho. Ele fez a minha campanha inteirinha.

Eu tenho uma história muito bonita com ele. O pai dele era colono. Um dia ele escutou pela rádio (A voz do Brasil) que o Getúlio iria até Ribeirão Preto, e se o Getúlio iria até RP ele só poderia ir por uma estrada que passava pelo município de São Simão. Então ele saiu de Santa Rosa, chamou o Juvenal e pediu para ele tomar conta dos animais que ele ia viajar, pediu uma bandeirinha e sete de setembro, e foi. Viajou a noite inteirinha a cavalo. Ficou numa lombada e ficou parado lá. Quando o carro veio ele começou a acenar a bandeirinha. O carro parou e o Getúlio mandou o oficial saber por que ele estava lá. Ele falou que queria saudar o presidente. O Getulio desceu do carro, perguntou o nome dele e se ele precisava de alguma coisa. “Não, eu vim saudar o senhor”. O Getúlio ficou animadíssimo, pegou o nome dele. Eu contei esta história na Folha de São Paulo, uma vez eles fizeram uma série de

artigos, chamados contadores de história, eu o Ronaldo Costa Couto era um deles, o José Sarney era outro. Cada um de nós escrevia histórias deste tipo. Eles ficaram muito contentes. Ele é um sujeito extraordinário.

APMP: para encerrar, gostaria de aprofundar na questão da constituição.

A constituição foi o seguinte: o Lula era o líder e eu fui eleito o vice-líder do Lula. Mas era eu que praticamente que falava. O Lula não falava nada. Ele só falava no pinga fogo. De vez em quando falava no expediente, mas lido. Eu costumo dizer que o Lula é um gênio. A genialidade do Lula é a seguinte, vou dizer por que: o Lula, eu fui deputado com muita gente importante, o Brizola, por exemplo, não entrava sem os quatro capangas. Os deputados tinham tanto respeito por ele que, uma vez estávamos tomando café e tocou o telefone, era para ele, os quatro ficaram em pé, só eu fiquei sentado, eu disse: o louco, vocês ficam em pé até para o cara atender ao telefone. Ele entrava, ia para a tribuna direto. O Juscelino era mais esperto, sempre entrava com três ou quatro companheiros e ia para a tribuna, e falava, falava muito. O Lula não, ele entrava com o Olívio Dutra, sentava no corredor, na primeira fileira. Como eu disse só no pinga fogo. E, no plenário, pouquíssimo. Ele inventou um jogo de futebol entre solteiros e casados. Ele ficava ali. Qualquer deputado, da direita ou da esquerda e falava: vem cá, vai ter jogo hoje, em tal horário, se não chegar na hora não joga mais. Juntava tanta gente que um dia o Marcio Braga (que foi presidente do Flamengo) me procurou e disse: Plínio, você é amigo do Lula? Sou. –você consegue um favor

para mim? Sim. –ele fazer o jogo com a camiseta do Flamengo, e, se possível ele assinar. Daí eu vou mostrar esta camiseta e vou ter muito voto. Falei com o Lula: “ué, se eles pagarem”. Falei, e ele assinou. Vou te contar, com esta história, ele ficou amigo de todo mundo. Um dia, naquele tempo a coisa foi violentíssima entre a direita e a esquerda: soco, tapa. Uma vez quiseram bater no Florestan Fernandes, eu tive que entrar no meio dar um murro no sujeito, uma vez veio um cara com um revólver em cima de mim. Foi um pega para capar violentíssimo. Pois bem, um dia desses, eu me aprontando pra ter que defender, chega um home enorme, imenso, um boi, o homem chega e ajoelha na poltrona dele e disse: “Lula, em você ninguém mexe”. Impressionante, como este homem conseguiu? Então, esse é o dado do Lula, ele é uma pessoa que encanta as pessoas, se ele chegar aqui, ele encanta a nós todos. E se ele pegar na sua mão assim com aquele dedo que ele não tem (e mostra no vídeo), é porque ele esta te enganando... bobagem. Ele é um amor de pessoa.

O Ulisses mandou me chamar e disse olha: o Lula, eu posso dar uma sub-relatoria para o PT, mas, só se for o Plínio. Para ele eu dou porque ele é corajoso, competente. O Lula aceitou e me nomeou. E, eu propus ao FHC (já contei pra você) que mudasse o sistema, e isso é que valeu. Foi extraordinariamente. Fizemos um texto, a Constituição de 1988 é a mais avançada que o Brasil já teve. A de 1934 era até então a mais avançada, agora é a de 1988 é a mais avançada. Que aconteceu com ela o seguinte: ela saiu da sistematização muito mais avançada. Mas, quando chegou ao plenário, a direita reuniu num hotel em Brasília, um grupo de deputados, os quais não iam nunca (como contei pra você). Ele

disse, vai ter que ir todo mundo, não pode passar isso ai. Vai, não precisa ficar em plenário, fica lá em cima nos gabinetes, quando começar a votação eu chamo, vocês descem, votam e vão embora. Foi o que aconteceu. Para que isso funcionasse, o primeiro dia que eu entrei lá eles mudaram o regimento interno e o Ulisses fraquejou. Ele que devia manter, não tinha porque por em votação, era uma decisão que ele decidira pessoalmente, mas ele ficou com medo e cedeu. Eles mudaram a ordem: você punha a emenda e o sujeito punha para retirar, e era nós que tínhamos posto a emenda, que tínhamos vencido a emenda que tínhamos que botar dois terços, e não tínhamos ai então eles desnaturaram as coisas mais importantes da constituição. Por exemplo, o capítulo dos direitos econômicos do Brasil, que o Severo Gomes fez um trabalho maravilhoso, aliás, o Severo, em minha opinião, foi o melhor senador da República, e eles cortaram; os direitos trabalhistas, eles cortaram um monte. Mesmo assim, é a melhor Constituição. Apesar disso, ela é a melhor Constituição. Dificultou fazer a reforma agrária. Porque eles inventaram esta questão do imóvel produtivo e improdutivo. Só pode desapropriar o improdutivo. O que acontece? O presidente decreta. No dia seguinte o advogado do desapropriado entra com uma demanda dizendo: não senhor, o meu é produtivo, o INCRA errou. Ai o INCRA tem que fazer a defesa. Levam cinco anos, oito, dez, tem coisa de quinze anos que até hoje não foi julgado. Não tem reforma agrária. É bem verdade que se os juízes quisessem e tivessem empenho mesmo, com tudo isso conseguiria, com dificuldade faria, mas todo juiz não tem interesse, é da classe social, não tem.